

Comanche

I

“Moro em Coqueiral de Itaparica há aproximados dezoito anos, e me lembro, há quase outro tanto, da primeira vez em que vi o Comanche, nome de batismo que lhe dei naquele mesmo dia.

Eu esperava o ônibus para ir à escola e ele, dado o macacão que trajava, provavelmente para ir trabalhar. Mas não foi o seu vestuário que me chamou a atenção naquele ponto de parada, que também acabou se tornando nosso ponto de encontro esporádico, embora até hoje ele não saiba disto, pois jamais nos falamos.

O que me saltou aos olhos foi que ele usava um mulett de tal maneira paramentado que imediatamente fez explodir em minha mente a única e neologísmica designação que lhe era possível naquele momento: escrotidão.

Para quem não se lembra, ou nunca viu o cabelo que os integrantes da dupla Chitãozinho e Xororó usavam no início da carreira, eu explico. Mulett é um corte de cabelo normal, até que vemos o que acontece da nuca para baixo.

Eu explico de novo. Ter um mulett é o mesmo que ter os cabelos compridos, só que a partir da nuca. O resto é um corte normal de barbeiro.

Última tentativa: mulett é o acidente capilar resultante de um corte de cabelo muito, muito estranho.

Para agravar, o Comanche usava um mulett em plena fase de massificação do movimento (?) breganejo no Brasil, o que, por si só, me fazia despejar sobre sua figura toda a minha cólera juvenil, transmutada em sarcasmo, transmutado em austeridade superficial.

Sobretudo, me causava espécie vê-lo imitar o visual daqueles dois artistas que minha intolerância não me permitia sequer respeitar, quanto mais admitir alguém admirasse.

Deus, como eu era imbecil naquela época.

O tempo passou, eu me tornei menos intransigente, e o Comanche não cortou o mulett.

Inapelavelmente, sua persistência bateu-me a face dos dois lados, como convinha ao jovem arrogante que eu era, e fui então forçado a rever meus conceitos sobre ele.

O Tempo, este doutrinador implacável, me revelou que, diferentemente do modismo instigado pela dupla Chitãozinho e Xororó, que há muito não usa mais mulett, Comanche tinha com o seu corte de cabelo uma relação de profunda identificação.

Vale dizer, ano após ano, por três ou quatro vezes, nós nos encontrávamos, sempre no mesmo lugar. Eu com um visual diferente – quem mesmo era adepto a modismos? –, e o Comanche sempre a exhibir, cortado com acuro cirúrgico, afetuoso, o seu vistoso mulett. A propósito, o tempo me ensinou também – na pior das hipóteses, a Wikipédia o fez – que os índios comanches nunca foram “muleteiros”. Neste tocante, contudo, eu me perdoei. Afinal, a designação Comanche era só uma aproximação para a imagem que a cada trimestre eu via naquele ponto de ônibus. Uma aproximação completamente errada.

Hoje tenho trinta e sete anos e ainda moro em Coqueiral. Outro dia, eu estava esperando o ônibus para ir trabalhar, quando o Comanche apareceu. Não descreverei aqui com que corte de cabelo, pois a imutabilidade das coisas mutáveis, base do que comumente denominamos por caráter, é o tema desta crônica. Logo, acrescentarei apenas o reflexo do tempo, manifestado em alguns fios brancos de sua cabeleira. Milimetricamente brancos, diga-se.

Do âmago do meu ser, eu respeito profundamente aquele mulett”.

(Diário Impublicável do Cronista)

II

Em qualquer direção que se caminhe, José Eustáquio Hatem Osório é um dos maiores jogadores de ataque do Espírito Santo. Ponto.

Alcunhas como “O Bólide Vila-Velhense”, “A Águia do Taça”, ou mesmo a recente tentativa “O Empacotador” não fazem jus a sua busca contínua, visceral, pelo xadrez ofensivo, ainda que delimitem com boa precisão o território de que estamos falando.

Outro dia mesmo eu estava assistindo a um documentário sobre a conquista do Monte K2 pelos italianos Achile Compagnony e Lino Lacedelli, em 1954, e me interessei pelo assunto.

Pesquisando na Internet, cheguei ao lendário italiano Reinhold Messner, uma espécie de Bobby Fischer ou Garry Kasparov, ou outro que o leitor preferir, do montanhismo, que idealizou para o K2, considerada pelos adeptos deste esporte como a montanha mais difícil de ser escalada, uma rota quase impossível, batizada “Magic Line”.

Nas palavras do próprio Messner, “*‘Desenhar uma linha’ como esta em uma grande montanha, para tentar revelar uma possibilidade de ascensão não considerada até então, não é simplesmente um processo técnico, é um ato de criatividade que me fascinou por muitos anos. Você não consegue ver a linha, é claro, mas independente disso ela está lá, existe. Uma vez concebida, se transforma numa ‘linha viva’ - o nada se concretiza em algo porque foi imaginada sua existência; a rota força ela própria a se tornar uma escalada*”.

Em 1979, Messner abandonou o plano original de tentar a Magic Line, deixando que a façanha fosse concluída pelos poloneses Przemyslaw Piasecki e Wojtek Wroz – que veio a falecer durante a descida, realizada por uma rota clássica, chamada Abruzzi Spur –, e o

tcheco Peter Bozik, somente anos mais tarde, em 1986, ano trágico em que a rota levou a vida de treze alpinistas, entre eles outro lendário italiano, Renato Casarotto.

Pois bem, aí estava o pretexto que eu procurava para falar sobre caráter, sobre o Osório, e sobre ataque em xadrez. Bastava agora encontrar uma partida que lhes estivesse à altura.

III

Osório, José Eustáquio H. x Deus Filho, Joaquim – 3ª Etapa do Aberto do Brasil 2002 – Vitória – B70 (Magic Line)

1. e4 c5
2. Nf3 g6
3. d4 Bg7
4. Nc3 cxd4
5. Nxd4 Nc6
6. Nde2! ...

À época o adversário de Osório beirava os 2.100 pontos de *rating*. Como se fosse um alpinista diante do impossível – escalar a montanha imperscrutável do Xadrez –, Osório idealiza uma rota mágica até ao topo, que começa com esse cavalo aí em **e2**.

6. ... Nf6
7. g3 d6
8. Bg2 O-O
9. O-O Be6
10. h3 Rb8
11. a4! ...

A ala do Rei já está preparada para o ataque futuro. Convinha iniciar a preparação do flanco-dama.

11. ... Qc8
12. Kh2 Rd8
13. Nd5 Bxd5
14. exd5 Ne5
15. b3 Ned7

Ameaçando ganhar a torre de **a1**, depois de **16. ... Cg4+**.

16. Rb1 Nc5
17. c4 Qd7
18. Be3! ...

A teoria recomendava esse lance logo na abertura. Uma rota trivial da qual Osório desviou seu bispo para ativá-lo no momento que considerou mais oportuno.

18. ... Rdc8
19. Nd4! ...

Montado sobre o cavalo, o comanche Osório cavalga até o acampamento-base de **d5**. O cume da montanha ainda se encontra distante...

19. ... Ne8
20. Re1 Nf6
21. f3 Re8
22. Bf2 h6
23. h4 h5
24. Bh3! ...

Uma das maiores virtudes de um autêntico jogador de ataque é oprimir seus adversários, em partidas estratégicas como esta em análise. Foi por isto que a escolhi, declinando inclusive de uma sonora bordoadada em dezoito lances que ele aplicou sobre um conhecido teórico do xadrez capixaba.

Note o leitor como as brancas controlam todas as casas do tabuleiro, restando às pretas uma partida de espera e asfixiada.

24. ... Qd8
25. Qc2 Nfd7
26. b4 Na6
27. Nb5! ...

Não sei se este lance é bom. Assim, à primeira impressão, acho até que não é. Mas demonstra caráter, personalidade, e espírito solidário. Primeiro, o bispo de **e3** preparou a subida do cavalo a **d4**. Agora é a vez do cavalo em **b5** preparar a escalada do bispo a **a7**.

27. ... Ne5
28. Qb3 Nc7
29. Bxa7 Nxb5
30. axb5 Ra8
31. Bf2 f5
32. f4 ...

O bispo de **h3** já cumpriu o seu papel. Osório não se importa em fazer dele um “peão grande”, como diria o Edivaldo.

32. ... Nd7
33. Re6 Nf6
34. Rd1 Kf7
35. Bd4 Ne4
36. Bxg7 Kxg7
37. Bg2 Nf6

Nos últimos treze lances, as pretas moveram nove vezes os cavalos, seis só com esse!

É como se elas estivessem num daqueles filmes sobre a conquista do oeste norte-americano, em que a cavalaria montada, encurralada em algum vale em meio às montanhas, justifica o extermínio dos índios daquele país.

Diferentemente do que lá aconteceu, porém, é como se nesta versão tupiniquim o comanche Osório quisesse dizer ao seu adversário “*Índio quer apito. Se não der, pau vai comer*”.

38. Bf3 Qb6

39. Qb2 Kf7

40. Rde1 Ra4

41. R1e2 Ng8?

Último erro dos ianques. Agora a dama entra em ação para decidir a partida.

42. Qh8! ...

Osório enfim chega ao cume da montanha!

42. ... Rxb4

43. Qh7+

1-0

Sobretudo uma partida que demonstra personalidade, repito.

Sinceramente, eu acho que o Osório deveria cultivar um *mulett*.

*